



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

GERAÇÃO TV

Marcos Roberto Inhauser

Educar filhos hoje em dia não é fácil. Houve uma redução gradual do espaço vital das crianças. Há alguns anos elas brincavam nos pátios dos sítios e fazendas, depois se mudaram para as cidades e brincaram nas ruas e nos quintais. Hoje, estão brincando nas salas dos apartamentos. Se no passado elas eram acometidas por vários problemas de saúde (especialmente a verminose) que lhes retiravam o vigor pleno para a vida, as crianças de hoje, vitaminadas e com saúde perfeita, não têm onde extravasar toda a energia que dentro delas há. Se havia uma rede de apoio na educação dos filhos na figura de avós e tios próximos, a família urbana está só na tarefa: não tem com quem compartilhar. A consequência disto é que os pais estão terceirizando a educação de seus filhos, entregando-a a escolas particulares, babás, televisão.

A terceirização para a televisão, onde as Xuxas e Angélicas fazem o papel de educadores por controle remoto, traz profundas consequências no desenvolvimento dos filhos. Uma delas é o fato de estarem gastando horas à frente dos televisores. Isto traz o treino para só prestarem atenção em blocos que durem seis ou sete minutos, porque, na programação televisiva, há blocos de programação entrecortados por anúncios. Ao assistirem aos programas, começam a ser treinados a prestar atenção durante seis ou sete minutos, e depois têm um período de “descanso” de três minutos para voltar a prestar atenção.

Este tipo de treinamento imposto pela TV tem profundas implicações no processo educativo, com aulas que duram 50 minutos e que exigem durante todo o tempo a concentração, sem intervalos para “comerciais”.

Outro elemento a ser considerado é que a televisão tem velocidade de imagens e enredo, joga com as cores, a música, os efeitos. Ela tem o recurso da montagem, da revisão, da edição, onde os defeitos e erros são suprimidos. Apresenta assim um mundo idealizado, ascético e sem erros. Por outro lado, as aulas são intermináveis, sem movimento, sem cores, sem possibilidade de edição para a correção dos erros ou o corte do supérfluo. Elas se tornam chatas, cansativas e provocam alergia nos alunos.

Há que considerar-se ainda que a TV privilegia a imagem em detrimento da linguagem. “Uma imagem vale mais que mil palavras”, parece ser o lema. Guarda-se a imagem, mas se esquece a mensagem. Ao privilegiar a imagem, humilha a palavra. A imagem é morta, ela pode evocar emoções, pode fazer pensar. Mas, ao fazer isto, depende da palavra. Quando se esvazia a palavra, pelo seu desuso ou humilhação frente à imagem, se tem uma geração que não pensa, que não sabe dizer o que sente, não tem opinião. Acaba se tornando massa de manobra.

Não é para menos que nas campanhas eleitorais do modelo brasileiro a TV tenha papel tão importante. Trabalha com uma massa acostumada à imagem e não à reflexão. Para ter o voto desta massa é necessário chegar a ela com imagens e não com ideias ou reflexões.

Parece-me que é um processo de imbecilização coletiva.